

## Poder, mulheres e feminismos nas artes

*Power, women and feminisms in the arts*

Talita Trizoli

 0000-0001-6508-2076



No âmbito dos estudos feministas, a complexa relação das mulheres com as dinâmicas e espaços de poder tem sido pauta da agenda do movimento político desde seus primórdios, seja pela demanda de participação no jogo democrático, passando pelo exercício profissional em postos de impacto econômico e simbólico, até a capacidade de elaboração discursiva nos processos epistemológicos.

Considerando aqui, entretanto, a complexidade, senão a impossibilidade em delimitar a categoria mulher, ainda que considerando também suas variantes linguísticas e matéricas, fato é que, mesmo com mais de um século de existência das ações do movimento feminista, em praticamente todos os setores laborais de significância política e econômica há baixa representação feminina, seja como agentes ou como problemáticas (assim como há irrisória presença de sujeitos racializados e de dissidência de gênero).

Entendendo o poder aqui não como uma entidade, mas como um complexo de relações entre sujeitos e instituições, as quais estão à mercê de uma imbricada equação de marcadores sociais, e em que seus respectivos movimentos e protocolos nos permitem compreender os meandros estratificados dos respectivos campos de atuação, interessa a este dossiê, que tem como enfoque o sistema das artes como território de debruçamento, a apresentação de artigos e ensaios que analisem, critiquem e questionem as tentativas, interdições, negociações e incongruências das relações de poder em relação às mulheres (conjunto esse entendido em uma perspectiva expandida do gênero, para além das delimitações biológicas e mesmo ontológicas).

Nesse sentido, abrimos o dossiê com a contribuição de Michelle Farias Sommer, mãe da Livy, mulher CIS branca, professora adjunta do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, curadora e ensaísta, e que optou por discutir uma temática ainda pouco cotejada pelas artistas brasileiras, ou pelo menos no caso das artistas com maior inserção no sistema econômico artístico: a(s) maternidade(s) e/ou maternagem(ns).

Nesse ensaio artístico-poético, Sommer discorre não apenas sobre a dimensão política das maternidades/maternagens, mas seu caráter de cisão da subjetividade na feminilidade, sua possibilidade de transcendência epistemológica e seu caráter imperativo no contexto de interdição ao aborto legalizado, a fim de analisar a falaciosa relação do mundo artístico (e do trabalho acadêmico)

com a experiência do cuidado. De declarações avessas à gestação de artistas mulheres e da inconveniência de crianças nos ambientes artísticos, até a outra ponta desse espectro, que luta ainda pela inserção de artistas-mulheres-mães no circuito profissional, Sommer aproveita a ocasião para dar visibilidade a artistas brasileiras que assumiram a temática da maternidade/maternagem em seus trabalhos sem meios-termos.

Em sequência, Guilherme Marcondes, sociólogo, homem CIS negro e pós-doutorando na Universidade Estadual do Ceará, dá continuidade a suas investigações sistêmicas sobre o meio artístico e seus jogos de consagração, cotejando dessa vez as condições de presença, inserção e negociação de jovens artistas racializadas no circuito comercial. Recapitulando de modo sintético as relações entre o pensamento feminista negro com o universo das artes visuais, Marcondes faz uso de entrevistas e depoimentos colhidos de 36 artistas mulheres negras, CIS e Trans, conscientes de sua condição estratégica no circuito, a fim de evidenciar nessas declarações e reflexões qual possível perfil de agente cultural com tais marcadores sociais teria a possibilidade de profissionalização e consagração – ou empoderamento, em um meio que propicia um desempoderamento sistemático.

Se a maternidade e a racialidade são aspectos de torção das agendas feministas em suas demandas de paridade nas relações sociais de gênero e poder, outro aspecto ainda pouco cotejado em uma perspectiva feminista pelas artistas brasileiras, pelo menos de maneira evidente e declarada, é o universo da pornografia como campo de interstício entre desejo e poder – aspecto esse tratado por Tie Jojima em seu artigo bilíngue. Curadora assistente na Americas Society, professora no Baruch College e doutoranda pela Central University of New York, além de *nissei* no Brasil e mulher CIS, Jojima tem pesquisado poesia experimental latino-americana, performance e tecnologia, ligadas ao movimento de arte pornô (1980-1982). Seu artigo analisa a produção de três artistas mulheres: Leila Míccolis, Teresa Jardim e Cynthia Dorneles; tomando o trio como estudo de caso, Jojima assevera o caráter político e assertivo do desejo feminino a partir da prática artística, em um contexto atravessado pela dupla-moral e conservadorismo formal no âmbito artístico, em concomitância a um viés de mudança na gestão política (o fim da ditadura civil-militar e a redemocratização no Brasil).

Já no ensaio de Mariana Leme, curadora, ensaísta e doutoranda de história, crítica e teoria da arte na Universidade de São Paulo, partidária da perspectiva decolonial e de crítica racial no sistema das artes, ainda que branca e mulher CIS, ocorre uma tessitura bastante crítica das restrições do conceito iluminista de liberdade, predominantemente branco e masculino, a partir da análise de pinturas canônicas francesas que se propõem a representar o arquétipo de tal condição política e existencial. Chamando a atenção para o fato de que as parcas representações da liberdade na condição da feminilidade ocorreram em um suporte “menor” na hierarquia acadêmica das belas artes, o mesmo ocorrendo com as representações de sujeitos da colônia, Leme sublinha justamente o apagamento desses agentes sociais em detrimento de um modelo universalista de liberdade ancorada na branquitude e masculinidade, e em que os trabalhos de Delacroix e David, ambos claramente políticos, mas seletivos, são representativos dessa postura – mas não deixando de lado a possível interrupção desses temas na pintura da francesa Marie-Guillemine Benoist.

O dossiê se encerra com a participação de um ensaio da artista Flora Himmelstein Moreira Leite, mestre em poéticas visuais pela Universidade de São Paulo, mulher CIS judia, com trajetória respeitosa pelo circuito artístico, e que tem se debruçado recentemente sobre as questões de profissionalização de jovens artistas e as dimensões do conceito de trabalho no fazer artístico – ainda que sua produção artística transite também por aspectos da hipernarrativa científica e por jogos simulatórios formais da fatura das obras. Com cadência narrativa que equilibra apontamentos de sua produção artística com reflexões da sociologia da arte e das práticas de crítica institucional, Leite alinhava didaticamente um percurso de idas e vindas que coloca em xeque as noções de valor, trabalho e tempo em um meio bastante hesitante de delimitações matéricas no que concerne a remuneração e precificação, mesmo sendo o território por excelência de especulação e nublagem financeira – e onde o artista é um dos agentes que permanece atuando sob uma neblina no horizonte.

É possível perceber nesse conjunto textual de investidas reflexivas como há um espraiamento dos jogos de poder no sistema artístico a partir de uma superposição de marcadores sociais e valores, os quais visam à manutenção de um sistema de privilégios simbólicos e econômicos, pois o poder não é uma condição ou uma entidade, mas um evento.

As autoras, artistas e autor convidados a contribuir para esta publicação, ainda que sem uma convivência direta para discutir seus temas de investigação para este dossiê, foram cirúrgicos na escolha de seus objetos de análise, justamente por capturar fissuras no sistema das artes que ainda são pouco contempladas por estudos críticos – isso quando não são historicamente ignoradas –, e tais contribuições, generosas e atentas, são sintomáticas de como há uma nova geração de pensamento crítico tomando lugar em um sistema mediado por valores formalistas e dúbios. Como organizadora desta publicação, sou eternamente grata pela confiança da revista *Arte&Ensaios* e à disponibilidade e confiança dos colegas de combate epistemológico nessa empreitada.

**Figuras 1 e 2**

*Corpo servil*, da série  
*O Lastro do Capital*.  
Dyana Santos,<sup>1</sup> 2020  
Escultura em aço, alumínio  
e cobre, 75 x 39 x 35cm  
acervo da artista  
Fotografia: Luci Sallum



<sup>1</sup> Dyana Santos é natural de Contagem-MG, mulher CIS, LGBTQIAPN+ e racializada, doutoranda na EBA-UFGM, trabalha com a construção de esculturas, objetos e instalações. Utilizando sua anatomia como referencial, cria estruturas vestíveis em aço oxidado, alumínio e cobre, junto a técnicas de costuras tradicionais de sua família, tocando aspectos da normatização dos corpos.

**Talita Trizoli é pós-doutoranda no IEB-USP.**

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8564039932158601>.

Google Citations: <https://scholar.google.com/citations?user=y2or9SsAAAAJ&hl=pt-BR>

Publons: <https://publons.com/researcher/1763896/talita-tt-trizoli/>

Dossiê recebido em agosto de 2022 e aprovado em novembro de 2022.

**Como citar:**

TRIZOLI, Talita. Dossiê Poder, mulheres e feminismos nas artes. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 44, p. 288-293, jul.-dez. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n44.15>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>